

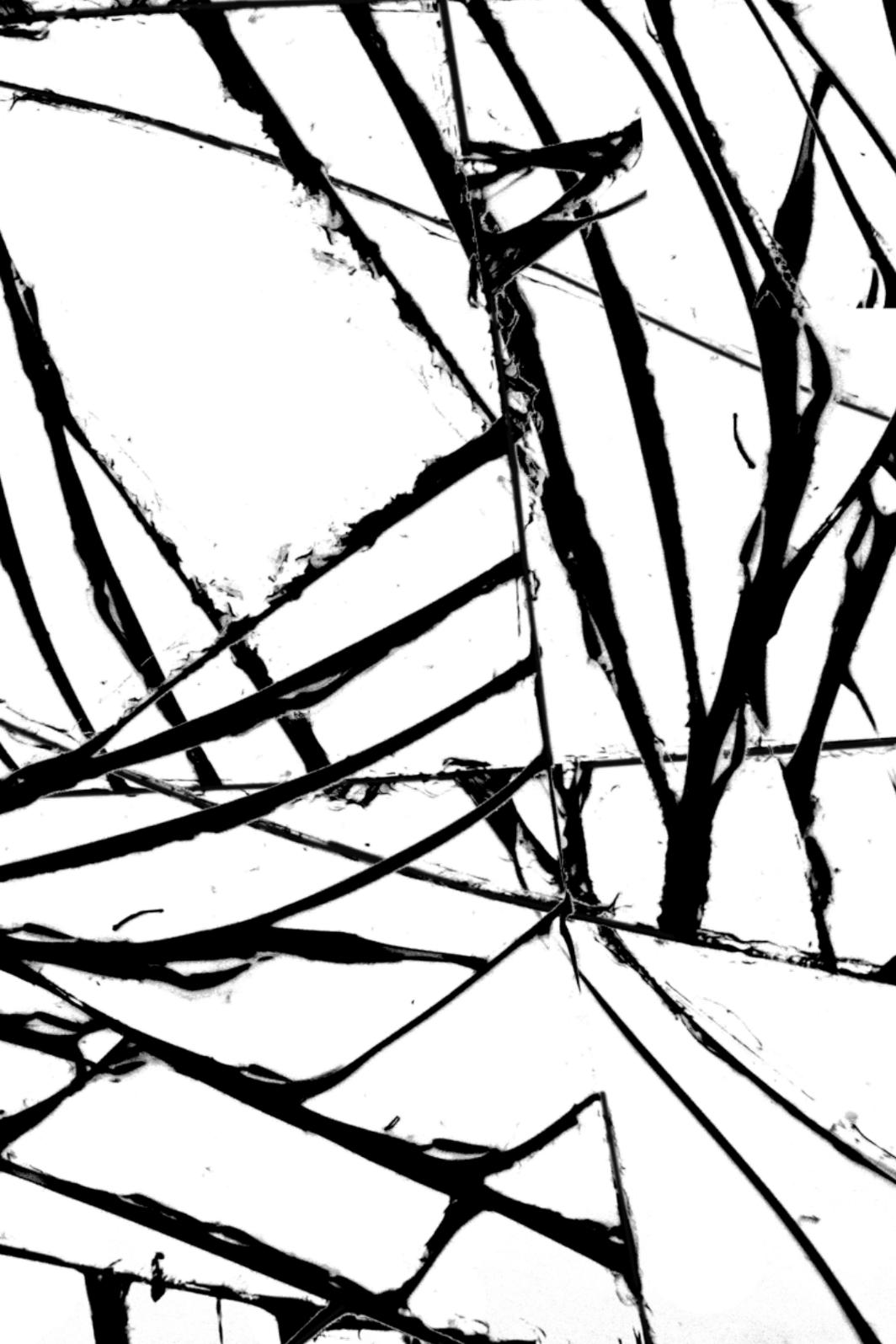
EVANGELHOS & ATOS

Uma introdução

Francisco
Leite

 **SABER**
CRIATIVO


IPU EDITORIAL





SUMÁRIO

Entre a ficção e a realidade	7
Convite em forma de prefácio	7

CAPÍTULO 1

O <i>Kerygma</i> , a comunidade escatológica e a composição dos evangelhos	13
Introdução	13
1. Estudar os Evangelhos academicamente exige uso da razão e da fé	15
2. O significado do <i>kerygma</i>	17
3. O <i>kerygma</i> na comunidade escatológica	20
4. Por que o evangelho foi escrito?	29
5. O que veio antes, a igreja ou o evangelho?	32
8. Crítica das Formas	44
9. Evangelho: narrativa, discurso e redação	49
10. Conceitos da Crítica das Formas	52
11. A continuidade da pesquisa acadêmica sobre o Evangelho?	64
Considerações finais	67

CAPÍTULO 2

As fontes dos evangelhos sinóticos (Fonte Q e Marcos)	69
Introdução	69

1.	Unidade e diversidade	70
2.	O problema sinótico	81
3.	Evangelho conforme Marcos	99
4.	As comunidades cristãs e a comunidade marcana	122
	Considerações finais	128
CAPÍTULO 3		
Surgem outros evangelhos		
	(Mateus e Lucas-Atos)	131
	Introdução	131
1.	O Evangelho conforme Mateus	133
2.	Evangelho conforme Lucas em dois volumes	162
	Considerações finais	184
CAPÍTULO 4		
	O Evangelho Sacramental (João)	187
	Introdução	187
1.	O Evangelho conforme João	190
2.	Questão da desordem na narrativa	211
3.	Estilo	215
4.	A teologia sacramental do Evangelho conforme João	217
5.	A comunidade joanina	225
6.	A comunidade joanina e a oikoumene	233
	Considerações finais	236
	Referências	239

ENTRE A FICÇÃO E A REALIDADE

Convite em forma de prefácio

Atribui-se ao escritor americano *Mark Twain* (Samuel Langhorne Clemens, seu verdadeiro nome), que viveu entre os anos 1835 e 1910, o aforismo segundo o qual a diferença entre realidade e ficção é que a ficção, para ser de fato, precisa fazer sentido. A citação, que a princípio nos faz rir, é também responsável por muita reflexão: o que extraímos da realidade que de tão sem sentido nos faz produzir ficção, que em uma de suas melhores formas chamamos de literatura? Talvez, dar sentido ao caos em que vivemos? Mas isso também não soa contraditório, visto que a palavra mundo vem de *cosmos*, vocábulo grego que induz à ideia de coisas ordenadas, justamente o oposto ao caos?

Esta longa digressão introdutória vem à mente justamente após a leitura da obra que temos em mãos. O texto do teólogo Francisco Benedito Leite, conhecido por aqueles que lhe são mais próximos como um leitor atento dos textos dos primeiros séculos da Era Cristã, suas implicações teológicas e linguísticas e, de quebra, um excelente tradutor

do grego para o português, nos surpreende por ofertar, em linguagem prosaica e transparente, a reflexão sobre os evangelhos e o livro de Atos dos Apóstolos a partir de uma perspectiva histórico-exegética com implicações no tempo presente, valorizando uma máxima teológica algumas vezes repetida a respeito da novidade evangélica: *o já e ainda não*. Sim, um esforço para fazer a realidade adquirir sentido.

A provocação reflexiva já aparece na introdução. O autor grafá a palavra evangelho, assim mesmo com inicial minúscula, visto estar interessado na análise do gênero e forma literários e não propriamente no conteúdo pontual de um ou outro Evangelho. Ao lado desta consideração, Francisco ainda nos informa que o livro de Atos receberá o mesmo tratamento dispensado aos evangelhos visto ser considerado por ele como o segundo volume do evangelho de Lucas. É certo que este tema volta no transcorrer do texto, mas é um desafio exegético, para dizer o mínimo.

A partir daí surgem as mais ricas considerações sobre o tema. Conceitos teológicos como *kerygma*, *Jesus Histórico e Cristo da Fé*, *Crítica das Formas* dentre outros anunciam os assuntos que serão esmiuçados nos capítulos seguintes.

Algo muito importante, que deve ser levado em consideração pelo leitor, reside no fato que o autor nos oferece, logo no primeiro capítulo, um guia de leitura do Novo Testamento de um modo geral, e dos evangelhos em particular. Em sua análise das considerações feitas por Dibelius e Bultmann, Francisco nos apresenta (ou faz lembrar para alguns) os conceitos defendidos por Ferdinand de Saussure (1857-1913) que propunha o

estudo do signo linguístico e das narrativas sob as óticas da diacronia – tudo aquilo que está relacionado com a evolução da língua -, e da sincronia, isto é, o que está relacionado com o aspecto estático da língua.

Nesta perspectiva somos convidados a refletir sobre as práticas exegéticas e suas diferentes escolas do final do século XIX até os dias atuais (diacronia), sem perder a centralidade da narrativa, seja ela caracterizada como pequenas narrativas, lendas ou acréscimos posteriores (sincronia). Não gosto muito da palavra guia, mas creio ser a melhor expressão para caracterizar a obra que temos em mãos: um guia de leitura.

Mas há especificidades neste guia. Assim como temos no senso comum um guia que nos aponta lugares e paisagens e não determina, apenas indica, o que nossos olhos verão, também acontece aqui. O texto nos faz caminhar pelo mundo do Novo Testamento, mais especificamente pelo mundo habitado pelos evangelhos e os primeiros cristãos, nos oferecendo lugares e paisagens, que nossos olhares curiosos e despertados enxergarão em formas diversas. Assim, temas de profunda importância teológica tais como autoria, local de composição, estrutura dos textos nos são apresentados como em um banquete, do qual nos servimos à medida que nos encantamos com as ofertas.

A mim, por exemplo, fascinou-me a ideia do anonimato dos textos. Como será que os olhos e mãos (assim no plural porque parece que assim foram feitos) dos autores de um ou vários fragmentos, foram capazes de imprimir suas visões, ideias e perspectivas, com tal propriedade que nem mesmo

seus nomes precisaram ficar claros. A resposta talvez esteja no *Sitz im Leben* (lugar vivencial, como o argumentado por Francisco) da situação. Partilhavam esperanças e experiências comuns, por isso suas visões e expectativas não tinham um autor particular, eram de todos.

Bem, um prefácio não pode ser uma resenha. A intenção aqui é convidar leitores/as para que se aventurem em um mundo de descobertas. Os mais atentos irão perceber que há uma predileção ‘técnica’ pelo texto do evangelho conforme Marcos. Isto se explica em parte pela história da pesquisa feita até aqui pelo Francisco em sua trajetória acadêmica e, em parte, não se explica porque as predileções são assim mesmo, os amores não têm porquês. Já que chegamos até aqui, vou me apropriar de uma consideração do autor quando comenta aspectos do final de Marcos para encerrar este convite na forma de prefácio e abrir o caminho para que todos iniciem a leitura.

Francisco Leite observa que a predileção dos exegetas pelo final curto é ao mesmo tempo surpreendente e inusitada. Sim, porque, segundo ele o termo linguístico que figura neste final (detalhes podem ser conferidos no texto adiante) era incomum na conclusão das obras literárias da época. Contudo, o final curto e abruptamente interrompido pode também significar que o evangelho não se esgota em um texto, mas continua na vida de seus leitores e leitoras que patrocinam a construção do Reino de Deus.

O texto que temos a seguir é um desafio; ou para citar o próprio autor, “*Não foi em vão que a narrativa estilisticamente inclassificável de Marcos passou a ser considerada um gênero*”

particular, pois muitos autores, até hoje, querem aclarar o segredo messiânico. Enquanto isso, aqueles que querem seguir Jesus e o caminho do discipulado se sentem tão acovardados quanto o rapaz que o acompanhava de longe, envolvido em um lençol (Mc 14.51-52).” A partir dos lençóis de nossa existência agora podemos espiar um pouquinho mais os segredos e desafios que a tradição escriturística nos apresenta.

Sim, a literatura/ficção realmente difere da realidade porque a ficção precisa fazer sentido. Ao terminar a leitura, eu me pergunto: não foram os evangelhos gêneros construídos para dar sentido ao caos da realidade humana? Uma espécie de reedição da voz criadora do Gênesis que a seu apelo ordenava os mundos feitos de palavra. Estas foram as minhas indagações. Este é meu convite. Boa leitura a todos e obrigado, Francisco.

Prof. Dr. Paulo Roberto Pedrozo Rocha

Verão de 2024

CAPÍTULO 1

O *KERYGMA*, A COMUNIDADE ESCATOLÓGICA E A COMPOSIÇÃO DOS EVANGELHOS

INTRODUÇÃO

Neste capítulo, apresentaremos algumas informações preliminares, cujo conhecimento é exigido para a realização do estudo aprofundado dos conteúdos de cada um dos evangelhos. Por enquanto, falaremos em evangelho sem referirmos a nenhum dos quatro evangelhos canônicos de forma particular, pois, no caso do estudo que estamos realizando, tratamos do gênero e da forma do evangelho antes de tratarmos de qualquer conteúdo específico.

No momento oportuno, explicaremos que o livro de Atos dos Apóstolos é o segundo volume do evangelho de Lucas, assim, consideramo-lo também como evangelho, por isso não fazemos a distinção “evangelhos e Atos” a todo momento. Tenha em mente que quando estamos falando